

A liquidez do tempo e seus reflexos para o jornalista

The fluidity of the time and its consequences for the journalist

La fluidez del tiempo y sus consecuencias para el periodista

Jeana Laura da Cunha Santos | jeanasantos@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.
Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

Este artigo propõe analisar o quanto a nova configuração do tempo numa era de captação e veiculação de informações cada vez mais rápidas afeta a prática e a saúde do jornalista contemporâneo. Utiliza como protocolo metodológico uma pesquisa de natureza teórica, fundamentada em revisão bibliográfica que abarca a história do jornalismo na interface com a literatura, a sociologia e a psicodinâmica do trabalho. O objetivo é refletir sobre as condições de trabalho do jornalista de hoje, buscando no passado, através da narrativa da crônica, indícios de sua experiência pioneira com o tempo e o seu labor. Espera-se que tal estudo contribua para ampliar as bases teóricas e epistemológicas no campo do jornalismo e reflita sobre a prática, a saúde e a vida mental do jornalista.

Palavras-chave: Jornalismo; História do jornalismo; Literatura; Crônica; Saúde; Trabalho.

Abstract

This article proposes to analyze how much the new configuration of the time, in an age when captation and propagation of information are more and more fast, affects the practical and the health of the contemporary journalist. The methodological protocol used here is a research of theoretical nature, based on a bibliographical revision that includes the history of the journalism in the interface with the literature, the sociology and the psychodynamic of the work. The objective is to reflect on the working conditions of the journalist of today, searching, through the narrative of the chronicle, indications of his pioneering experience with the time and his work in the past. The expectation is that such study contributes to extend the theoretical and epistemological bases in the field of the journalism and reflects about the practice, the health and the mental life of the journalist.

Keywords: Journalism; History of the journalism; Literature; Chronicle; Health; Work.

Resumen

Este artículo propone analizar cuanto la nueva configuración del tiempo en una edad de la captación y la propagación de una información cada vez más más rápidas afectan la práctica y la salud del periodista contemporáneo. El procolo metodológico utilizado es una investigación de naturaleza teórica, basada en una revisión bibliográfica que abarca la historia del periodismo en la interfaz con la literatura, la sociología y la psicodinámica del trabajo. El objetivo es reflexionar al respecto de las condiciones del trabajo del periodista hoy, buscando en el pasado, con la narrativa dela crónica, indicaciones de su experiencia pionera con el tiempo y su labor. Se espera que tal estudio contribuya para extender las bases teóricas y epistemológicas en el campo del periodismo y reflecta en la práctica, la salud y la vida mental del periodista.

Palabras clave: Periodismo; Historia del periodismo; Literatura; Crónica; Salud; Trabajo.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Declaração de conflito de interesses: A autora declara não haver conflito de interesses.

Fontes de financiamento: O presente artigo é parte da pesquisa de pós-doutoramento realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (POSJOR/UFSC) com o financiamento da bolsa PNPd-CAPES.

Histórico do artigo: Submetido: 13.jul.2015 | Aceito: 15.out.2015 | Publicado: 31.mar.2016

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Recis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, mudanças irreversíveis transformaram o modo de captar, organizar e transmitir a informação. Dos boletins informativos colados aos muros das cidades emergentes à torrente do fluxo informacional postado nas redes eletrônicas dos dias atuais, a consciência do tempo modifica-se drasticamente num moto-contínuo incessante e cada vez mais acelerado. Do lento passa-se ao veloz, e isso já era um sonho inconsciente na pena dos nossos primeiros jornalistas que, para aludir ao desejo pela velocidade, comparavam o fluxo informacional e o veículo no qual viajavam (o jornal) aos veículos de transporte da época. Olavo Bilac, em crônica de 1908, comentando a reforma implantada no Jornal do Comércio, cuja folha ficara “menor, mais bem paginada, de leitura mais fácil”¹, disse que, de carro de bois, o jornal passara a automóvel: “O ‘mastodonte’ é hoje criatura da sua época. O carro de bois transformou-se em automóvel”¹. Machado de Assis², ainda em 1859, utilizou a metáfora do trem para comparar o lento livro ao surgimento do jornal, dizendo que esse último seria como uma locomotiva intelectual ou um trem expresso. Aliás, a metáfora do trem e a engenharia de viajar cada vez mais rápido, encurtando distâncias, dominando o espaço, sempre fora utilizada por escritores ou teóricos para problematizar a aceleração. Da locomotiva a vapor chega-se ao trem expresso de Machado de Assis.

Mas tais “trens pré-modernos corriam previsível e tediosamente em círculos, mais ou menos como correm os trens de brinquedos das crianças”³, diria Bauman a respeito de lugares de contornos fechados que não aceitavam arrivistas vindos de outros espaços. Só que, para o autor, a modernidade “é a impossibilidade de permanecer fixo”³, o que levaria a incerteza, também chamada de “o novo”, ou “o melhor”, ou “o progresso”, a tornar-se “o único destino oficial dos trens”³. Seria imperativo então que o trem pré-moderno, que ocupava pouco espaço por se deslocar lentamente no tempo, cedesse lugar ao trem bala da contemporaneidade, cuja propriedade de não mais tocar o solo, evitando o atrito, é que faz com que ele viaje rápido no tempo alcançando maior espaço.

Na era da informação em rede, viajar rápido pelos trilhos virtuais é o que configura cada vez mais o tempo e o espaço do labor jornalístico. O presente artigo se propõe a analisar ao menos dois dos três vértices (tempo, espaço, corpo) que estariam criando formas de atuação inéditas na profissão, para procurar responder a algumas questões: como a substituição das atividades físico/biológicas pelos seus equivalentes metafísico/digitais estaria redefinindo o espaço e, no contexto deste artigo, sobretudo o tempo do trabalho do jornalista; como a substituição das atividades físico/biológicas pelos seus equivalentes metafísico/digitais estaria alterando o imaginário desse profissional que, de observador da cidade real, passa a ser um media online numa tela virtual em permanente fluxo e conexão. Para atender a essa lógica veloz do fluxo informacional, o jornalista sente no corpo a angústia de não mais pertencer ao espaço e de não mais alcançar o tempo. Pede-se a tal profissional cada vez mais e mais velocidade. “[...] não é mais o tempo de passagem que serve de padrão para o espaço percorrido, mas sim a velocidade, a distância-velocidade, que se tornou a medida, a dimensão privilegiada tanto do espaço quanto do tempo”⁴.

Este trabalho é, então, sobre a urgência do tempo e de sua confrontação com a organicidade de um corpo que muitas vezes não o acompanha. Ao analisar a crise das dimensões físicas (análoga à crise do determinismo) que estaria afetando as representações do mundo numa época de inserção do aparato tecnológico cada vez mais premente, Virilio declara que “*a partir do momento em que conhecemos a importância das figuras, do movimento e da extensão na organização e ordenação do espaço, podemos facilmente adivinhar o efeito de sua relativização (estatística), ou mesmo de sua súbita desrealização causada pelas tecnologias da representação auxiliada por computador*”⁴.

Volátil, liquefeita que quase se perde no ar feito um balão (ou trem que não toca o solo), a figura geométrica do triângulo assemelha-se, na nossa concepção, muito mais à da tela “O nascimento do mundo”, pintada por Miró (Figura 1). Tomando como base a imaterialidade desse triângulo de contornos abstratos,

propomos aqui uma análise ensaística que também não tem um centro fixo, nem tampouco uma base sólida que estaria ancorada em fundamentos metodológicos cada vez mais exigidos no campo da comunicação, em especial do jornalismo. Trata-se aqui de conjecturas híbridas, transdisciplinares, formuladas a partir de uma revisão bibliográfica que abarca o campo da comunicação (em sua subárea jornalismo), na interface com os estudos da psicodinâmica do trabalho e com as teorias da sociologia. Sem deixar de considerar, a partir do campo literário, a “fala” dos jornalistas de ontem que, através de suas crônicas, registram percepções pioneiras sobre a profissão, e os de hoje, que sentem na “pele” o desassossego que é praticar o ofício que escolheram num tempo e num espaço cada vez mais sem contornos. Praticar? Às vezes nem isso, uma vez que a ideia contemporânea de um trabalho flexível mascara a alta rotatividade empreendida pelas empresas para tornar o trabalhador descartável, sem função no tempo, sem ocupação no espaço.

Estendidos ao limite da sua até então materialidade, tempo/espaço expandem-se no ar, tal qual o triângulo de Miró, deixando o que parece ser um corpo débil e extenuado no chão. O corpo do jornalista?



Figura 1 – Quadro “O nascimento do mundo”, de Miró [citado 3 dez 2014]. Disponível em: <http://valiteratura.blogspot.com.br>

Com base nessas premissas, a primeira seção deste artigo remonta, assim, à crise do tempo, à sua dissolução permanente, ao seu estado cada vez mais líquido (o triângulo evapora-se, liquefeito, no ar). A segunda seção investiga de que forma o colapso do tempo abate o corpo e a mente do jornalista (a figura estatelada no chão, subjugada por um esforço cada vez mais desumano). A crise do espaço, outro vértice do triângulo aqui proposto, por uma questão de dimensões do texto, é apenas aqui mencionada e será devidamente problematizada em outro artigo.

Crise do tempo

Assim como a história é uma sucessão de tempo(s), o tempo também tem uma história. Conforme Romano (1998), os mosteiros medievais foram os primeiros a tentar regular o tempo, contribuindo para a invenção do objeto que iria medi-lo. Contra a irregularidade mundana, a rigidez das horas controladas pelos sinos que, desde o século VII, soavam sete vezes ao dia. Tais “horas canônicas” exigiam um aparato para garantir a regularidade. Um monge de nome Geberte, futuro papa Silvestre, inventou o primeiro relógio mecânico, estendendo, no século X, a regulamentação do tempo monástico às cidades.

A vida urbana, que era determinada em grande medida pelos sinos da igreja, passa a ser regulada pela onipresença do relógio na vida dos cidadãos. A partir de 1345, as horas foram divididas em 60 minutos e o minuto em 60 segundos e, em finais do século XVI, aparecem os primeiros relógios domésticos na Inglaterra e na Alemanha. Foram os mosteiros, então, que ajudaram a imprimir na humanidade o ritmo

da máquina, uma vez que o relógio, na concepção de Romano, não é um simples meio para marcar as horas, mas também um aparato que sincroniza as ações dos seres humanos⁵.

Não demoraria muito para que o relógio se convertesse em um símbolo do ideal burguês de que “tempo é dinheiro” e que a ideia de pontualidade como um valor a ser cumprido se tornasse um imperativo da vida moderna. E assim a história do tempo começa com a modernidade: “a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história”⁶.

Como não havia tempo a perder, preencher os ecos do tempo tornou-se um dever, e fazer as coisas de forma mais rápida converteu-se num imperativo. Assim, a moda das novelas curtas provém da necessidade de distração nos breves instantes livres da rotina, e a inserção cada vez maior da literatura periódica e da imprensa de massa reflete a crescente divisão mecânica do tempo⁵. O jornal, com a fragmentação de suas páginas e o encurtamento de seus textos, promoveria a aceleração da leitura, criando uma narrativa que pudesse ser lida em movimento, nos veículos de transporte, em praça pública, nos cafés, onde um leitor não se detém por muito tempo e onde o imperativo é flunar, vagar, afinal, como disse Bilac em crônica de 1901, “o público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela, será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder”¹.

Se o ritmo de tudo se acelerou, e se a periodicidade mecânica ocupou o lugar da orgânica, o jornal iria refletir esse novo imaginário das massas, como bem percebeu Machado de Assis em artigo de 1859 em que declara que o livro estaria em desvantagem em relação ao jornal porque esse possuía aquilo que “a faculdade radical do espírito humano” necessitava: o movimento. “*Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual*”².

Se a velocidade e a aceleração crescentes convertem-se nos símbolos da sociedade moderna e industrial do século XIX e XX, caberia ao jornalista atender cada vez mais ao apelo da transmissão instantânea. E assim o jornalismo alia-se irremediavelmente à velocidade e à urgência. Moretzsohn lembra que foi sempre em torno da ideia de dinamismo, instantaneidade, atualidade que a atividade jornalística fora construída: “Meninos jornaleiros saem às ruas apregoando edições extras, efeitos sonoros vibrantes despertam o ouvinte para notícias curtas e rápidas, vinhetas alertam o espectador para o bombardeio de imagens. Notícias de última hora: tudo é urgência”⁷.

Se tal sentido de urgência sempre esteve presente no jornalismo, parece ter atingido seu ápice nos dias atuais, contaminando desde a arquitetura do texto até a psicodinâmica do trabalho do jornalista que, subitamente, viu suas atividades físico/biológicas serem substituídas pelos seus equivalentes metafísico/digitais, não sem consequências para sua saúde física ou mental. E a experiência pioneira da velocidade, vivenciada pelos cronistas na virada do século XIX para o XX, estaria atingindo sua faceta mais agônica hoje, causando descarrilamentos no trem da história da profissão. Tal experiência, em tempos virtuais, acirra-se e produz modificações drásticas nos ritmos das redações e das jornadas laborais, afetando de várias maneiras aquele que, em um dado momento da história, saudou a pressa como propulsora do progresso e da melhoria das condições de vida: o jornalista. Esse profissional que precisa cindir o tempo e o espaço simultaneamente.

Crise do corpo

Se o afã pela aceleração do tempo e pelo encurtamento das distâncias no espaço causava *frisson* nos jornalistas, não demoraria para que os primeiros sintomas de um desgaste nessa experiência se manifestassem. No começo deste artigo, autores otimistas aludiram muito ao trem ou à locomotiva como alegorias da aceleração de um progresso benfazejo, que iria melhorar as condições de vida da humanidade

até a “estação terminal”, metáfora construída por Machado de Assis para a existência. Hoje, “a palavra progresso evoca uma insônia povoada de pesadelos: ‘ser deixado’ para trás, perder o trem, ser atirado para fora do veículo por um movimento brusco”⁸.

Toda esta aceleração do ritmo, que do orgânico passou ao maquinico, ocorreu de maneira vertiginosa. E, conforme Virilio, a rapidez de uma espécie é também um sinal de morte precoce. “A sobrecarga mecânica que acompanha o esforço muscular violento é – no homem como em outros vertebrados demonstrando capacidade de celeridade para caça ou para escapar dos predadores – a origem de diversos traumatismos físicos mas igualmente um importante fator de envelhecimento”⁹.

Tanto que os trabalhadores, no início da era industrial, esgotados pelo ritmo dos trabalhos pesados cotidianos e pelos esforços físicos necessários a seus deslocamentos, morriam jovens.

Mas não só o traumatismo físico abalaria a saúde do operário moderno. Olavo Bilac discorreu pioneiramente sobre os efeitos do choque nas grandes cidades e do excesso de velocidade na vida mental de um dos trabalhadores mais sujeitos a eles: o jornalista. Em crônica da Gazeta de Notícias de 1895, chamando tal profissional de “homem-multidão”, investiga por que este “filho de Gutenberg” estaria abdicando de “ter papilas nervosas na sua grossa pele de pedra e ferro”¹, a tal ponto que os acontecimentos passassem por ele “como as rajadas do vento passam por cima das rochas vivas sem que as enruguem nem abalem”¹. Para ser “como as engenhosas máquinas americanas de escrever”¹, o jornalista, na opinião do autor, precisou pagar um alto preço: tornou-se o profissional que mais frequentava os consultórios de moléstias nervosas da época: “Quando entrardes num desses consultórios e virdes um homem, no meio da sala, firmando-se no chão com um pé só, olhos fechados e braços abertos no ar – podeis desde logo assegurar que é um jornalista neurastênico em que se procura verificar a existência do sinal de Rombert”¹.

Para o autor, até mesmo um acidente de bonde poderia ser motivo para desencadear uma “moléstia nervosa” no jornalista: “O jornalista X, bem-dormido e bem almoçado, sai de casa, a caminho do seu jornal. Toma um bonde elétrico. Abre todas as folhas e começa a ler. Já essa leitura principia a desorganizar-lhe o sistema nervoso. Em meio da viagem, o bonde elétrico (não fosse ele elétrico!) reduz a pó impalpável o corpo de um transeunte. X toma do lápis e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível do despedaçamento”¹.

Hoje, em tempos virtuais, em que a notícia deve ser o mais “despedaçada” possível para que seja veiculada tão rapidamente quanto um bonde elétrico (“não fosse elétrico!”) ou um “trem expresso”, a psique do jornalista estaria sofrendo um abalo sem precedentes e a percepção pioneira de Bilac sobre o homem multidão dos começos do século XX atinge sua faceta mais agônica. A pressa elevada à categoria de valor acelera também a desilusão no exercício da profissão a tal ponto que o que se costumava chamar no meio de “crise dos 40 anos” avança inexoravelmente para a “crise dos 30 anos”.

Uma pesquisa recente feita pelo psicólogo, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp e da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Heloani, revela por que os jornalistas estão adoecendo como nunca. Heloani ouviu dezenas de profissionais de jornais, rádio, TV, jornal impresso e assessorias de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro e detectou uma “jovialização” da profissão devido ao ritmo frenético imposto pelos novos modelos empresariais¹⁰. A jornada de trabalho, que pela lei deveria ser de 5 horas, nos estados pesquisados chega a 12 horas. “Evidentemente, há diferenças de ritmo, conforme o tipo de veículo para o qual se trabalha. Mas o importante será perceber como a lógica do ‘tempo real’ afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a ‘corrida contra o tempo’ que sempre marcou a profissão. Mais ainda: que as exigências do mercado financeiro, e de quem nele atua, passam a ser o relógio do noticiário em geral”⁷.

E tal relógio voraz estaria afetando o organismo. Romano explica que, como o sistema de imunidade humano funciona de maneira rítmica, a ausência de intervalos, a troca do dia pela noite, os estímulos permanentes limitam a pessoa à inutilidade da permanência. “La época de los records es también la

del nervosismo”⁵. Na mesma linha, Dejours argumenta que o trabalho não fica limitado ao tempo físico efetivo passado na fábrica ou no escritório, mas transpõe o limite do tempo de trabalho, mobilizando a personalidade por inteiro e provocando sofrimento¹¹.

Tal sofrimento, além de ignorado pela empresa, é potencializado por ela quando “estimula”, “desafia” o trabalhador a dar sempre mais do que havia acordado, gerando ainda mais ansiedade: “*A ansiedade responde então ao ritmo de trabalho, de produção, à velocidade e, através destes aspectos, ao salário, aos prêmios, às bonificações. A situação de trabalho por produção é completamente impregnada pelo risco de não acompanhar o ritmo imposto e de ‘perder o trem’*”⁶.

E mais uma vez a metáfora do trem é usada para definir o ritmo tanto moderno quanto contemporâneo da aceleração laboral.

O medo de perder o emprego, “perder o trem”, também seria outro fator de estresse e, segundo Heloani, o jornalista estaria sempre às voltas com um “plano B”, o que causaria muitos danos à sua saúde física e mental. Se “flexibilidade” é o slogan do dia, como diz Bauman, quando aplicado ao mundo do trabalho anuncia o “*advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas ‘até nova ordem’*. *A vida do trabalho está saturada de incertezas*”⁶.

Uma incerteza que é potencializada pela empresa quando acena com a substituição pelas centenas de profissionais que estariam à procura de emprego. Assim, todos são substituíveis e temporários. Antunes também argumenta que a tão propalada flexibilização pode ser entendida como a “liberdade da empresa” para “*desempregar trabalhadores sem penalidades, quando a produção e as vendas diminuem; reduzir ou aumentar as horas de trabalho; pagar salários mais baixos do que deveria; subdividir a jornada de trabalho segundo a sua conveniência; entre outras formas de precarização*”¹².

Conforme Virilio, desde a origem da vida, a corrida é eliminatória, tanto para o predador mais veloz que é capaz de alcançar sua presa, quanto para as sociedades humanas incapazes de desenvolver a aceleração de sua produção e distribuição. “*Ora, nessa corrida, a concorrência selvagem elimina não somente o adversário (o animal excessivamente lento) mas também se eliminam elementos de seu próprio corpo*”⁹.

Como se vê, ao contrário da “modernidade sólida”, em que o trabalho, segundo Bauman, era o principal valor dos tempos modernos porque tinha a capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório, hoje, na chamada “modernidade líquida”, os planos de vida só podem ser de curto prazo e os “atos de trabalho se parecem mais com as estratégias de um jogador que se põe modestos objetivos de curto prazo, não antecipando mais que um ou dois movimentos”⁶. Nesse sentido, “*o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual*”⁶.

O curto prazo da veiculação da notícia e o curto prazo que ancora a nau do trabalho do jornalista fazem com que ele acabe por apresentar uma série de distúrbios (os acidentes vasculares cerebrais, o fenômeno da morte súbita, o aumento da dependência química, a síndrome do pânico, a depressão, os suicídios). Segundo Heloani, 80% dos profissionais pesquisados têm estresse e 24,4% estão na fase da exaustão, o que significa que, de cada quatro jornalistas, um está sofrendo por conta da enorme carga emocional e física causada pelo trabalho. E, pior, o sofrimento se dá em silêncio. “*Difícil retorno à comunicação e ao logo em uma cultura depressiva em que, com a aceleração tecnológica, a partida e a chegada – o nascimento e a morte – se confundem ao extremo*”⁹.

Diante deste quadro desolador, a maioria dos entrevistados não ultrapassa a barreira dos 20 anos de profissão, abandonando o posto ou até mesmo o ofício. E o surgimento das multiplataformas e da incorporação cada vez maior dos serviços online pelas grandes empresas de comunicação potencializa ainda mais o problema porque obriga o trabalhar a fornecer informações “em tempo real” para as várias mídias interligadas. Exige-se dele/dela que desempenhe simultaneamente trabalhos de reportagem, redação, edição, documentação, design, fotografia. Conforme Salaverría e Negrodo¹³, esta acumulação de tarefas não

é nova. Ocorre há pelo menos meio século, quando os repórteres de rua se converteram em redatores de mesa. Soma-se a isso o fato de os jornalistas se verem às voltas com a nova plataforma de difusão que é a rede, estando cada vez mais em contato direto com as demandas do público.

Bauman sentencia: “o ‘curto prazo’ substituiu o ‘longo prazo’ e fez da instantaneidade seu ideal último”⁶. Para o autor, “o tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem consequências. ‘Instantaneidade’ significa realização imediata, ‘no ato’ – mas também exaustão e desaparecimento do interesse”. Assim, “a batalha contemporânea da dominação é travada entre forças que empunham, respectivamente, as armas da aceleração e da procrastinação”⁶.

Como se vê, o atarefamento, o frenesi, o ativismo no trabalho e a impossibilidade de descansar fora dele constituem a condição imponderável do trabalhador moderno. Condição essa que encontrou um corpo clivado perfeito para se alojar. Parodiando Bilac, 119 anos depois de sua crônica sobre a saúde do “filho de Gutenberg”, X toma seu computador portátil, seu tablet, seu ipad ou smartphone e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível do despedaçamento...

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, desvelar o quanto o tempo da simultaneidade jornalística se torna tão líquido quanto os relógios derretidos de Salvador Dalí no quadro “A persistência da memória”, de 1931, e que pode ser lido como uma metáfora da fluidez do tempo frente a uma paisagem bucólica. A corrida pela sua apreensão recria sempre novas técnicas que se esforçam em acondicionar o tempo, mas que se revelam de antemão derrotadas. O tempo não estanca, desliza por entre os dedos doentes por lesões por esforços repetitivos (LER) do jornalista tardo-moderno que digita incessantemente o seu teclado na busca pela mais pura ubiquidade com os acontecimentos humanos.

Nossa intenção foi mostrar que nem sempre a luz que se vislumbra no final do túnel daquela estação é um sinal de que a corrida valerá a pena. Muitas vezes é um trem bala, em alta velocidade, e não mais os bondes pré-modernos de Bilac, que irá decompor ainda mais o corpo já despedaçado do jornalista. Porque afinal, “o tempo ‘contínuo’ é talvez o da cronologia ou da história, mas não o do cotidiano. As interrupções de atividade ou de produtividade são essenciais à estruturação do tempo próprio tanto para os indivíduos quanto para os grupos sociais”⁴.

A primazia do movimento pelo movimento, esta “transitividade absoluta da velocidade” (Virilio), exigência cada vez maior do mundo do trabalho, não poderia substituir a experiência concreta do tempo. E a dissipação do tempo, sua volatilização num espaço-tempo sem dimensão nem contorno (tal qual o triângulo que sobe aos céus de Miró, aludido no começo deste artigo) não cessa de afetar o organismo daquele que vive e trabalha para representar e comunicar tais medidas: o jornalista.

Referências

1. Dimas A, organizador. Vossa insolência: crônicas. In: Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.
2. Coutinho A, organizador. Machado de Assis – Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar; 1959.
3. Bauman Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1998.
4. Virilio P. O espaço crítico e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1993.
5. Romano V. El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida. Hondarribia [Guipúzcoa]: HIRU; 1998.
6. Bauman Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2001.
7. Moretzshon S. Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan; 2002.

8. Bauman Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2009.
9. Virilio P. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade; 1996.
10. Tavares E. Por que os jornalistas estão adoecendo mais. *Observatório de Imprensa* [Internet]. 24 ago 2010 [citado 22 out 2013]. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>
11. Dejours C. *Trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo 15; 2012.
12. Antunes R, Braga R, organizadores. *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo; 2009.
13. Salaverría R, Negredo S, organizadores. *Periodismo Integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol90; 2008.
14. *medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol90; 2008.